

## CORAGEM: O coração diante do in-possível

Luís Fernando Paiva Lacerda<sup>1</sup>

Lavínia Carvalho Brito Neves<sup>2</sup>

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo articular reflexões teórica e clínica da psicanálise sobre a noção de coragem diante do luto. A coragem é abordada como operador que sustenta analisando e analista frente a angústia, perda, e ausência de garantias. A metodologia adotada consiste na abordagem freudiana lacaniana, analisando o caso clínico desenvolvido no Serviço de Psicologia Aplicada. A condução dos atendimentos seguiram os princípios da associação livre e escuta equiflutuante, possibilitando que algo do sujeito pudesse emergir, conteúdos relacionados ao luto, culpa e desamparo.

**Palavras-chave:** Coragem. Impossível. Luto.

### Introdução

O presente estudo aborda o conceito etimológico da palavra coragem na perspectiva da psicanálise, compreendida aqui como um operador ético diante do encontro com o impossível. Partindo da etimologia da palavra coragem e de sua articulação com a experiência clínica, o trabalho aponta como o sujeito pode sustentar a palavra e o silêncio frente à angústia, à perda e à ausência de garantias de sentido, especialmente no contexto do luto.

A relevância dessa investigação reside na dificuldade de lidar com o sofrimento psíquico sem recorrer a respostas prontas, que tendem a silenciar a singularidade da experiência do sujeito. A literatura psicanalítica, em especial os aportes de Freud sobre o luto e a culpa, bem como as formulações lacanianas acerca do Real, do silêncio e do não saber, oferece subsídios teóricos para compreender o luto não como patologia, mas como um trabalho psíquico singular.

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Psicologia do UGB-FERP.

<sup>2</sup> Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise (UERJ), docente do UGB-FERP.

Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa, articulando revisão teórica inspirado no caso clínico desenvolvido no Serviço de Psicologia Aplicada. O atendimento seguiu os princípios da clínica psicanalítica, fundamentando-se na associação livre e na escuta equiflutuante, possibilitando a reflexão sobre a direção do tratamento e os efeitos da escuta diante do impossível. Por motivos de confidencialidade nomes e fatos serão omitidos nesse trabalho, abrindo espaço para que cada sujeito possa observar em si mesmo as manifestações da coragem, diante do luto e do impossível.

## Metodologia

O estudo foi realizado a partir da busca do entendimento da palavra coragem na sua raiz etimológica. Coragem, no latim *coraticum* ou *coraticus*, derivados de *cor* (“coração”), o termo passou a significar literalmente “o que vem do coração” (Origem da palavra, 2018). Ao desmembrarmos a palavra *coraticus* aparecem: *cor*, coração e *atticus*, referente a Atenas, cidade símbolo de elegância e refino (Dicionariolatino.com, 2025). Assim, coragem pode ser lida como, um coração, culto, delicado com graça e elegância, ainda que essa leitura seja mais poética do que propriamente filológica. (“Attic.” Merriam-Webster Dictionary). A palavra coragem surge inspirada pela filosofia dos estoicos, que buscavam um enfrentamento direto daquilo que escapa ao controle, e que, portanto, requer do sujeito uma grande dose de coragem no enfrentamento, aquilo que nos escapa ao controle no presente trabalho pode ser lido como morte ou luto.

Em psicanálise, a morte pode ser lida como algo da ordem do impossível, portanto situada no registro do Real. Lacan ao longo de seus seminários desenvolve a teoria dos três registros psíquicos Real, Simbólico e Imaginário, e destaca que eles se encontram entrelaçados, de tal modo que, quando um deles se desenlaça, os outros dois também o fazem. Essa articulação é formalizada no conhecido nó borromeano, que sustenta a amarração dos registros. (Lacan, 1975) O registro Simbólico é aquele que diz respeito à linguagem e ao duplo sentido. Nele, o que é enunciado nunca se esgota em um único significado: toda fala pode comportar mais de um sentido, abrindo possibilidades de leitura e interpretação. (Lacan, 1957)

O registro Imaginário, segundo Lacan, diz respeito às imagens e às identificações e não à imaginação, como pode aparentar. Nesse registro o sujeito se reconhece como imagem, unidade e totalidade. Diferentemente do registro Simbólico, o Imaginário aponta para um sentido único e fechado. Trata-se de um registro marcado pela lógica da semelhança, tal como observada pela própria paciente, entre ela e seu objeto de luto. (Lacan, 1949).

O Real, por sua vez, é o impossível de suportar, o impossível de dizer, e justamente por isso é que ele se distingue do Simbólico e do Imaginário, conforme desenvolve exaustivamente Lacan no Seminário 22 (Lacan, 1975). Marco Antônio Coutinho Jorge traz a preciosa contribuição ao conceito afirmando: “é precisamente aquilo que escapa a esta realidade, o que não se inscreve de nenhum modo pelo Simbólico; ele remete ao traumático, ao inassimilável, ao não sentido e ao impossível” (Coutinho Jorge, 2008, p.97).

Na mesma direção, Vivian Martins Ligeiro e Marco Antonio Coutinho Jorge (2018), destacam que o Real está ligado à ausência radical de sentido, distinguindo-se tanto do Simbólico quanto do Imaginário.

Nesse sentido, pergunto: quanto de elegância pode se sustentar diante do Real que engole os sentidos, o que fazer diante do não sentido?

Na clínica, essa elegância me parece se fazer presente tanto do lado do analista quanto do lado do analisando: do lado do analista, como a sustentação do não saber, a recusa em ceder a um sentido qualquer quando o Real se insinua; do lado do analisando, como a possibilidade de fazer surgir, em sua palavra, aquilo que bordeja algum sentido.

Quinet, em seu artigo *Psicanálise e música: reflexões sobre o inconsciente equívoco*, nos adverte: “*A passagem de uma língua para outra é muito frequente na análise de pessoas que falam várias línguas...*” (Quinet, 2013), ou seja, equívocos provocados por palavras de fonemas semelhantes, mas de sentidos diversos em outras línguas. Susanne Hommel analisanda de Lacan, revela essa possibilidade de equívoco enquanto interpretação analítica. Ao relatar um sonho, ela traz em associação a palavra Gestapo (polícia secreta oficial da Alemanha Nazista), que lhe causava grande aflição, a qual é então interpretada pelo analista imediatamente como — *Gest à peau* (*toque na pele*) ao mesmo tempo em que, segundo ela, Lacan: “*acariciou meu rosto com muita delicadeza*” (Susanne Hommel, 2011). Essa

interpretação e tradução de alguma maneira equívoca causam uma mudança em seu sofrimento (ENCONTRO COM LACAN, 2011, 16 min). Curioso notar que o gesto de tocar a pele é feito pelo analista, mas a palavra não é dita, a interpretação está do lado do analisando.

Seguindo essa perspectiva, gostaria de sugerir um equívoco ou evocar igualmente outro sentido para a palavra impossível. Ouso, no entanto, antes disso trazer a observação para a própria palavra equívoco, que curiosamente vem do latim *aequi vox*, que significa ambíguo, de igual significado (Origem da palavra, 2025). Apoiando-me nessa sugestão plurilíngue, nessa abertura para o equívoco, tomo a liberdade de grafá-la então *In-Possível*, e por quê? A partir de algumas experiências e estudos, e agora de um tímido início na clínica, percebo que existe uma possibilidade dentro do que chamamos impossível. Ou seja, dentro, in conforme a língua inglesa. O impossível lacaniano, abre essa possibilidade, mesmo quando não há o que possa ser feito, enfim, fazer nada, é também fazer alguma coisa.

Vestindo o escafandro da teoria, mergulhamos na prática da análise pessoal, encarando o Real com certa dignidade estoica, jamais esquecendo o que o processo analítico exige: “amor à verdade... e que isso exclui qualquer tipo de impostura ou engano.” (Freud, 1937), e apostando num modo de fazer diferente diante da vida e da morte.

A premência de viver, vez ou outra, toma lugar quando a expectativa da morte se aproxima, ou mesmo toca o sujeito. Mas há também aqueles que se quedam paralisados, estáticos diante do Real, da morte. Diante disso, no texto *Luto e culpa*, Coutinho Jorge cita o caso de uma analisanda em processo de elaboração de luto, que se sente impossibilitada de prosseguir diante do silêncio do analista: “...ela mandou uma carta na qual expressava a impossibilidade de prosseguir e se referia a meu silêncio.” (Coutinho Jorge, 2010)

O silêncio do analista, aqui, apresenta o Real diante do analisando, não há uma resposta, não há garantias e desvela, em alguma medida, a dimensão do *in-possível*. Importa salientar, que, em uma experiência analítica, e em outras situações apresentadas pela vida, as mais das vezes, o que se pode oferecer é o silêncio diante do próprio Real (angústia) que se apresenta.

Angústia e silêncio, cara a cara: o Real com o Real se paga. Tributárias do silêncio, as palavras surgem. O Real pode então ser bordejado por um significante,

que contorne a angústia e a delimite ou que lhe dê limite.

Para que a palavra surja, é preciso operar com coragem; coragem de falar, de trazer o seu significante singular, o que de mais refinado e elegante o sujeito pode ter dentro do coração, sua própria *cor atticus*.

## Resultados e Discussão

Enquanto resultados, podemos apresentar além do aporte teórico a partir dos textos e orientações do estágio, apresentamos também uma observação a partir do caso. A paciente se mostrou mais estabilizada, por ter um lugar onde podia exercer sua coragem de falar do luto que vivencia, e foi igualmente capaz de simbolizar, isto é, colocar em palavras os sentimentos, sensações e memórias que estavam sendo de alguma forma reprimidas. Foi igualmente interessante perceber a associação livre conceito freudiano que vai levar o paciente a dizer tudo que lhe vier a mente, sem crítica:

“Portanto, diga tudo o que lhe passa pela mente. Comporte-se, por exemplo, como um viajante sentado à janela do trem que descreve para quem está dela mais afastado, do lado de dentro, como a paisagem vai mudando diante de seus olhos. E, por fim, nunca se esqueça de que você prometeu sinceridade plena, e nunca passe por cima de algum fato só porque por algum motivo essa informação lhe é desagradável”. (Freud, 1913, p. 136)

A transferência, investimento libidinal e atualização de expectativas inconscientes (Freud, 1912) por parte da analisanda, também foram alvo de observação, bem como os apontamentos dos manejos bem sucedidos apontados pela supervisão.

## Considerações Finais

Podemos afirmar que os objetivos deste estudo foram alcançados na medida em que possibilitamos uma articulação entre a reflexão teórica psicanalítica e a prática clínica, enodando os conceitos de coragem, impossível, Real e luto. Fica evidenciada a coragem, não como superação do sofrimento, mas como sustentação do não saber

e da aposta na palavra frente ao Real, um operador importante tanto na posição do analista quanto do analisando, especialmente em situações de luto.

A partir do estudo de caso, foi possível observar que a escuta psicanalítica, ao recusar respostas externas e sustentar o silêncio, favorece a elaboração singular, interna da perda e a construção de novos sentidos. Tais considerações reforçam a relevância da psicanálise no manejo clínico do sofrimento psíquico.

Como recomendação, destaca-se a importância da continuidade do acompanhamento clínico para aprofundar a elaboração do luto. Sugere-se, ainda, a realização de estudos futuros que ampliem a investigação para outros casos clínicos, abrindo espaço para novas pesquisas e propostas, uma vez que o tema aqui abordado não se esgota e suscita múltiplas perspectivas acerca do luto e das possibilidades no âmbito da experiência analítica.

## Referências

DICIONÁRIO LATINO. **Dicionariolatino.com online**. Disponível em: <https://www.dicionariolatino.com/pagina/114.pdf>. Acesso em: 08 Nov. 2025.

ENCONTRO COM LACAN (Rendez-vous chez Lacan). Direção: Gérard Miller; Leslie Grunberg. Produção: Penelope; 2 Cafés L'Addition; France Télévisions. França: 2011.1 vídeo (documentário). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9Xvfb8mpp18>. Acesso em: 05 Nov. 2025.

FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica**; tradução: Claudia Dornbusch. -- 1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. -- (Obras incompletas de Sigmund Freud; 6)

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.1: as bases conceituais** – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.3: a prática analítica** – Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. (1949) “**O estádio do espelho como formador da função do eu**”, in *Escritos*, tradução: Vera Ribeiro – Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1957) “**A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**”, in *Escritos*, tradução: Vera Ribeiro – Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1974-1975) Pierre Jourdan (organ.). *O Seminário RSI – Livro XXII de Jacques Lacan: Figuras e Formas do Nó Borromeu no Seminário RSI*. São Paulo: Edições Nosso Conhecimento, 2023.



MERRIAM-WEBSTER DICTIONARY, **Merriam-Webster**, <https://www.merriam-webster.com/dictionary/attic>. Acesso 09 Nov. 2025.

ORIGEM DA PALAVRA. **Origem da Palavra: dicionário etimológico online**. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/>. Acesso em: 9 Nov. 2025.

QUINET, Antônio. **Psicanálise e música: reflexões sobre o inconsciente equívoco**. Música e Linguagem: Revista do Curso de Música da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória: UFES, Vol. I, 08/2013, ISSN:2316-3488, p.10.

RAZÃO INADEQUADA. **Marco Aurélio: coragem**. Publicado em: 30 jun. 2021. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2021/06/30/marco-aurelio-coragem/>. Acesso em: 9 Nov. 2025.

SINÔNIMOS. **Sinônimos.com.br:dicionário de sinônimos online**. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/>. Acesso em: 9 Nov. 2025.